

3. Uma nova releitura dos textos bíblicos aparece bem nítida nos escritos que acabamos de analisar, onde o feminino é contemplado numa cosmovisão positiva, realista e inovadora.

4. Os escritos papais superam o modelo ético tradicional da doutrina oficial da Igreja e servem de fundamento para novas posições no âmbito da moral católica.

5. Apontaríamos alguns limites como: a Igreja nem sempre foi justa com a mulher. Não seria esta a hora de ela pedir-lhe perdão como fez com o caso Galileu e o caso Lutero? A partir da nova visão do feminino, não seria justo rever a questão dos anticoncepcionais que recaem afrontosamente sobre a mulher? Como poderia ser analisada a presença do feminino dentro do próprio masculino para uma melhor compreensão antropológica do psiquismo humano? Além disso, a teologia do feminino não poderia ser base para uma nova impostação do celibato na Igreja?

6. A Carta Apostólica *Mulieris Dignitatem* certamente passará para a história como uma grande contribuição teológica sobre a mulher, mas a sua dimensão social ficou um tanto postergada. Talvez a humanidade estaria solicitando por parte da Igreja um posicionamento mais decisivo na perspectiva social do tema. Um verdadeiro "sinal dos tempos", segundo escreveu João XXIII em 1963.

7. A teologia do feminino em João Paulo II se confessa aberta, atualizada, mas sem paguear os modismos do tempo.

Pelo contrário, convida a sociedade e a teologia a renovar sua mentalidade sobre o matrimônio e sobre a maternidade, sem condenar o trabalho da mulher fora de casa.

8. Poderia dar a impressão de que o feminino nos escritos pontifícios estaria sendo analisado mais na perspectiva do esponsal que do feminino em si mesmo. Creio que as duas perspectivas se fazem presentes. Há muita reflexão sobre a mulher enquanto feminina, e ao mesmo tempo enquanto esposa, ou melhor, a perspectiva esponsal iluminando o feminino.

Bibliografia

Grecco R., Magistério Eclesiástico Recente, in *Concilium*, 193, 1984/3. *Homem e Mulher, Reflexões de João Paulo II*, Editora Cidade Nova, SP, 1982.

"L'Osservatore Romano". (período de setembro de 1979 a abril de 1980). *Exortação Apostólica "Familiaris Consortio"* (sobre a família — 1981). *Exortação Apostólica "Christifideles Laici"* (sobre os leigos — 1988). *Carta Apostólica "Mulieris Dignitatem"* (sobre a mulher — 1988).

Endereço do autor:
Caixa Postal 5041 — ITESC
88041 — Florianópolis — SC

A MULHER VIÚVA (depoimento)

Dilma Orofino
Viúva de Miguel Orofino

Movimentou-se mais uma vez a Igreja do Brasil na Campanha da Fraternidade, desta vez com o tema: "Mulher e Homem, imagem de Deus".

Pessoalmente, este tema não me trouxe novidades maiores. É que, como mulher casada, construímos, meu marido e eu, uma vida de parceria, ombro a ombro, dividindo nossas capacidades, nossas potencialidades, unindo nossas forças conjugalmente, em todos os setores de nossas vidas.

Tanto estava eu a par de suas atividades profissionais, ajudando-o a se firmar cada vez mais no seu setor de trabalho, participando de seus congressos e seminários, como ele me complementava no serviço da casa. Basta falar que nunca fiz compras sozinha ou me levantei à noite para atender às crianças — que não eram poucas!

Como casal, muito servimos à Igreja no Movimento das Equipes de Nossa Senhora e no Instituto Arquidiocesano da Família.

Mas meu depoimento deve focalizar mais a minha condição de viúva, mulher só, com o encargo de uma família que já está no 24º integrante, entre filhos, genros, noras e netos.

Moro só, num pequeno apartamento, mas não sinto solidão nem abandono. Pois busco cultivar e alimentar minha vida cristã na aceitação do sim do meu casamento. O estado de viuvez é um estado difícil, se não for norteado pela fé.

Aprendi, nestes dez anos de viuvez, que Deus, que conhece nossa fraqueza, não só nos revela progressivamente até onde nos quer levar, como todos os dias, com

uma lucidez cada vez maior, nos impele à renovação do nosso compromisso matrimonial e à sua aceitação.

Hoje eu sinto que devo continuamente aceitar a vontade de Deus; ter a preocupação de dizer o meu sim para viver, como me disse alguém numa carta de pêsames. . . "a senhora tem um pedaço do céu em sua casa!"

Apesar de tudo, sinto uma discriminação da mulher viúva, não só na sociedade como também na Igreja. As escrituras são pródigas no cuidado e na proteção às viúvas e aos órfãos, tanto no Antigo como no Novo Testamento.

do ponto de vista humano, a viuvez é uma desgraça

Apesar da censura machista de São Paulo que chama, algumas delas, as "viúvas jovens", de "tagarelas e mexeriqueiras" (cf. 1Tm 5,13), Jesus sempre as amparou e protegeu. Neste sentido gosto de refletir no lindo episódio da oferta no Templo, quando a pobre viúva, entregando o pouco que tinha, deu mais que todos. . . (cf. Lc 21,1-4).

É que, do ponto de vista humano, a viuvez é uma desgraça que marca toda uma vida, mas do ponto de vista cristão é uma etapa para uma renovação maravilhosa do amor. Do ponto de vista humano é uma separação; do ponto de vista cristão, é uma preparação para um novo encontro.

mas do ponto de vista cristão é uma etapa

É uma fase dolorosa mas purificante da intimidade conjugal. É um momento, um período, uma passagem desse grande desdobramento do amor que vai desde a primeira declaração até o encontro eterno.

“A viuvez nos força a reconhecer: ou que o amor é sem futuro e que a vida não tem sentido; ou que ela tem este sentido: uma preparação lenta, progressiva, marcada também pelo sofrimento, rumo às realidades invisíveis. . .”

Por isso a viúva tem na Igreja um papel e uma missão

especial: ela é, diante de todos, **testemunha da Vida Eterna!** Ela traz para a Igreja a realidade operante do mistério de Cristo: como a viúva, a Igreja deve sempre, em relação ao seu Esposo, Cristo, ter a intimidade no invisível e a espera confiante no encontro eterno.

A Virgem Maria, mais do que ninguém, nos dá esse exemplo. Desde a partida do seu Filho até sua Assunção ela viveu da fé. Foi a primeira a aprender a viver com Ele no invisível.

Procuramos vivenciar estas pequenas considerações em nossa Equipe de Nossa Senhora “dos Pobres”, um grupo de dez viúvas, mães de família que buscam servir à Igreja através do seu testemunho e do seu engajamento.

Endereço da Autora:
Avenida Hercílio Luz, 163, ap. 1102
88010 — Centro — Florianópolis — SC

O PADRE E A MULHER

Pe. Evaristo Debiasi
Professor de Escatologia e
de Psicologia Religiosa

Começo pedindo perdão por ser, o que escrevo, mais um pensamento pessoal do que um artigo científico-teológico sobre o assunto. Faço-o conscientemente, reconhecendo as limitações do meu tempo mas tentando contribuir para aprofundar o relacionamento: **homem-padre e mulher.**

“Mulher e Homem, imagem de Deus”, é a vocação dada por Deus a toda a humanidade, a todos os seres humanos, como forma de existir e de ser do homem e da mulher, juntos e não separadamente. Vocação que, sem dúvida, não se restringe somente ao tempo nem apenas para a perpetuação da espécie humana, mas, por fazer parte da vontade de Deus, será uma forma de existir e de se perpetuar por toda a eternidade. O céu, a eternidade, definirão o modo perfeito do ser feminino e do masculino em seu relacionamento. Seremos transfigurados à semelhança de Cristo e à imagem do Pai, da Trindade. A eternidade definirá a plenitude do masculino e do feminino como maturidade do homem e da mulher redimidos e ressuscitados por Cristo. A certeza de sermos para sempre transfigurados, em nossa individualidade particular de homens e de mulheres, nós a temos na ressurreição de Cristo. Pois ele ressuscitou e ascendeu ao eterno com a sua individualidade total: corpo-espírito, humanidade e divindade. A mesma certeza do nosso futuro a temos igualmente no protótipo da Igreja, Maria, assunta em corpo e alma ao céu, com sua individualidade feminina total. Estes são dois dogmas essenciais de nossa esperança e fé cristãs. Em Jesus e Maria temos a certeza de nosso futuro, de como seremos para sempre na casa do Pai, na eternidade. Cristo se constituiu nosso “único fundamento” (1Cor 3,11-12) e a razão última da nossa fé: “Se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação. . .” (1Cor 15,14)

Portanto, o masculino e o feminino em forma de ressuscitados e transfigurados não terminam com a morte, mas chegarão à sua maturidade perfeita na casa do Pai. Na verdade, neste sentido, a expressão evangélica de que, após a morte, “seremos semelhantes aos anjos” (cf. Mc 12,25 e paralelos: Mt 22,30 e Lc 20,36) é a forma totalmente

nova e qualitativa de como, ressuscitados, viveremos na eternidade, sem que isto signifique a negação do feminino e do masculino. Seremos transfigurados à semelhança de Cristo, mas nunca perdendo nossa individualidade de homens ou de mulheres.

devemos precaver-nos contra um modo de pensar maniqueísta

Aliás, devemos precaver-nos contra um modo de pensar maniqueísta que tirou muito da grandeza do nosso ser humano corpóreo-sexual-espiritual que Cristo tanto santificou e transformou com o seu nascimento, vida, morte e ressurreição. E cada vez mais sabemos que sexo, não é algo que temos, mas que somos no todo do nosso ser. Somos homens ou mulheres na essência do nosso ser, desde as células, os neurônios, até o nosso espírito. Na eternidade terminará o existir da genitalidade como agora, mas jamais terminarão o sexo e a sexualidade que definem o “eu interno” do homem e da mulher, como partes integrais do existir humano criado e querido por Deus. É próprio de Deus não destruir a essência de suas criaturas, mas antes elevá-las à sua imagem perfeita pela ressurreição e transfiguração em Cristo.

Esta certeza, como já vimos, nos é dada pela ressurreição total de Cristo como pela Assunção de Maria com corpo-alma aos céus bem como por toda a mensagem cristã dos Evangelhos que nos falam da ressurreição total do homem e da mulher, no seu corpo e no seu espírito. Isto pertence à essência do cristianismo. Estas verdades fundamentais de nossa fé iluminam, definem e interpretam nosso futuro e nosso existir como homens e mulheres no tempo